

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVII Volume

20 de Abril de 1904

N.º 911



Duquesa de Palmella

(Photographia do sr. A. Bobone)

DELO seu talento, por sua nobreza, pelos bens da fortuna de que tão para bem sabe fazer uso, muito merecia esta senhora o lugar que occupa na sociedade portugueza. Seu espirito superiormente educado, sua rarissima distincção, seu bom gosto de verdadeira artista revelado no dispendio de sua riqueza, deram-lhe o direito de firmar-se na posição a que subiu e onde todos a confirmam seduzidos.

Mais alto porém, a elevaram os pobres em seus corações. Mais alto que o restante côro de louvores sobem suas vozes que vão até os pés do Altissimo cantando hymnos á caridade.

A prova do amor que inspira a todos, aos que vivem na opulencia d'ella recebem exemplos nobres e aos que, vivendo na miseria, bemdizem os raios de sol que lhes trazem calor e luz, a melhor prova do muito amor com que por todos é querida e abençoada, agora a recebeu, quando das muitas graças dadas a Deus pelo perigo de que Deus a livrou. Quantos rostos em que o jubilo rebrilhava por entre lagrimas! Quantas frases a que nas gargantas a commoção punha reticencias!

Feliz de quem assim merece a admiração dos homens e a gratidão dos mais pobres.

Chronica Occidental

O tratado anglo-francês, foi como brisa do norte que veio desfazer os negrimes que pairavam estranhamente no céu da politica, n'este principio do seculo XX, que muitos visionarios haviam prophetisado dever assistir ao triumpho da paz.

França e Inglaterra, paizes, cada qual, amigos d'um dos imperios que no extremo oriente chamam para seus combates a attenção do mundo inteiro, aliando-se agora, afiançaram á Europa, a almejada paz que muitos já viam quebrada.

Ainda muitos pontos de interrogação se desenhavam no futuro a que não sabem por enquanto dar resposta as chancellarias; mas o perigo immediato passou, e os que, para um futuro mais ou menos remoto ainda ameaçam, boas almas haverá e boas intelligencias que saibam removê-los.

Entretanto, russos e japonezes, com variavel fortuna segundo telegrammas de que nem sempre é facil concluir a verdade, continuam combatendo, cada vez mais exaltados pela causa que cada um defende.

As ultimas noticias são desfavoraveis aos russos, embora seja verdadeira a noticia d'alguma pequena victoria em terra. Difficilmente se vingará tão cedo da perda do Petropaulowski e da morte do almirante Mahkaroff, em quem a Russia depositava a maior confiança.

Affirma um jornal que a Russia recusará, ha tempos, a offerta d'um submarino norte americano que, comprado depois pelo governo do Japão, seria o que promoveu agora a catastrophe do Petropaulowski. O relatório japonês, porém, diz que o couraçado russo, sossobrou por haver tocado em uma das minas pelos japonezes dispostos. Mais diz que nenhuma perda soffreram os marinheiros japonezes, retirando a esquadra apenas com dois homens feridos. Teria portanto sido completa a victoria.

Porto-Arthur vai perdendo sua reputação de praça forte inexpugnável, e tanto que grande numero de chinezes já abandonam precipitadamente a cidade, em que não se julgam seguros.

Tem sido de inspirar piedade, o sentimento da Russia perante o desastre das suas armas. Para maior desconfinça do bom exito final, chegou-lhes agora a noticia de tender a alastrar-se no exercito, a doença de desinteria que porá muita gente fóra de combate.

Diz-se ser enorme a paixão do Tzar pelos reveses soffridos, do que tanto pugnou pelas theorias da paz e tanto, quando foi da declaração de guerra, contava com a victoria.

O que se diz de sua dôr, lembra aquellas paginas maravilhosas em que Fernão Lopes nos descreve como D. João de Castella fugiu dos campos de Aljubarrota para Santarem, e d'ahi para Sevilha e Carmona, lamentando-se, encostando doído perdido, a cabeça ás paredes e chorando lagrimas que o requeimavam. Também elle contava com a victoria e seus monologos recordamos os mais extraordinarios trechos de Shakespeare.

O orgulho ferido, o despeito, a vergonha perante aquelles a quem se affiançou a victoria, tudo vem exacerbar o sentimento de magua.

Ainda ha por enquanto na Russia a esperança da desforra, quando puderem combater em terra; mas a certeza desfez-se, aquella com que o Tzar dizia que Deus seria pelas armas russas, aquella que inspirava os generaes e almirantes, falando a seu estado maior e representantes dos jornaes.

Teremos paz na Europa, dizem. Assim seja. Os monarchas europeus continuam viajando e ha quem diga que o desejo de paz lhes marca o itinerario.

El-Rei de Hespanha viaja pelo seu paiz e em viagem continuou, apesar do lucto pesado por morte de sua avô, Izabel II, que tão falada foi quando reinou e foi por fim deposta, agora fallecida em Paris, depois d'uns annos de maior socego na republica franceza.

Não foi de igual socego o passeio de Alfonso XIII e as aves agoirentas piaram certo d'esta vez. Maura, presidente do conselho de ministros, foi victima d'um attentado traiçoeiro. A farda que o ministro usa armou a mão do assassino; os seus bordados impediram que o punhal penetrasse. Não lhes chamaremos o pélo do proprio céu.

Em Portugal o delirio politico socego um bocado.

El-Rei, sr. D. Carlos, foi accommettido d'um

pequeno ataque de grippe, que, felizmente, não inspirou cuidado. Tres dias depois do primeiro accesso, poudo sair de seu quarto, embora um pouco abatido pela febre cuja temperatura attingiu quarenta graus.

Por esse motivo, não se realisou na Academia Real das Sciencias a sessão solemne em que pelo socio Henriques Lopes de Mendonça deveria ser lido o elogio de Pinheiro Chagas, sendo transferida a sessão para quando El-Rei a ella possa presidir.

Muitos jornaes, no dia do anniversario da morte do illustre escriptor, commemoraram-a com longos artigos, recordando os altos dotes que tornaram notavel o prodigioso trabalhador, historiador, poeta, dramaturgo, jornalista dos melhores que tenham honrado a imprensa portugueza. Muito quiz elle á arte e á litteratura, tanto que, não raras vezes, quando a gerencia da pasta da marinha maior trabalho lhe dava, os frequentadores de bastidores o viam entrar nos palcos, procurando n'um bocado de cavaco, n'uma alegre palestra sobre arte, um nadinha de descanço á politica.

Orador dos mais fluentes, quando se deixava ir após a inspiração, produzia discursos litterarios e politicos notabilissimos, não sómente em lingua portugueza, mas em francez, que falava como o mais puro dos parisienses.

A obra que deixou em numerosos volumes ou esparsa por um sem numero de jornaes prova seu poder de trabalho, espanta pelas vastas aptidões da intelligencia que o inspirou, encanta muita vez pelo espirito, dá-nos a conhecer um bellissimo character, coração vibrante sempre que se tratava de amor patrio.

E' com saudade, sempre, que falamos de mortos; mas de mortos ainda temos de falar, do pobre Silva Pereira, com quem tanto rimos.

Correu por ahi a graça de que elle era velho, muito velho, mais velho que Mathusalem. Não sei como o caso começou, sei que a chulaça pegou de tal forma que a idade de Silva Pereira serviu de termo de comparação para a idade de todas as ruinas. Era um espanto que fosse vivo.

Afinal morreu com sessenta e tantos annos, amargurado, talvez na ultima hora, pela lembrança de deixar n'este mundo uma filhinha de mezes.

Silva Pereira, que era um excellente homem, tinha muitos amigos. Era dos actores mais estimados pela sua honradez, pelo seu bom genio, pela sua generosidade. Alguns papeis fez com verdadeira graça, por exemplo, o de Faustino na excellente peça de Gervasio Lobato, *O Commisario de Policia*.

Mais por esse motivo, a muitos impressionou vel-o, no dia do seu enterro substituido no terceiro acto da peça, pelo actor Telmo; quando o acto se representou em beneficio do Valle no theatro de S. Carlos.

Theatro de emprestimo, companhia de emprestimo, meia Lisboa convidada para a festa, não havia maneira de addial-a.

Muito a todos devia ter sido dolorosa aquella representação, ao Valle sobretudo, depois de haver acompanhado ao cemiterio o seu bom amigo, o mais fiel dos seus companheiros de trabalho, de alegrias e tristezas, que nunca faltam na vida dos artistas.

Com esta nota lugubre decorreu o espectáculo, um dos ultimos da estação que está expirando.

Poucos mais haverá; ainda um ou outro beneficio, algum espectáculo de caridade, e os theatros fecharão suas portas.

Agora é de touros que se fala, que o calor já por ahi vai pondo para fóra dos armarios as alpaca e os chapéus de palha.

No domingo passado realisou-se na praça de Algés uma má tourada e a ascensão do tão falado balão *Portuguez*. O balão subiu; os aeronautas é que ficaram em terra, por ordem da auctoridade prudente, em vista do vento que se levantára. Entretanto o balão rompeu a rede sem licença, e lá se foi pelos ares voando um conto de réis, que tanto perdeu o infeliz proprietario.

Para a maior parte do publico, toirada e ascensão, foram motivo de divertimento, em vista dos protestos, pateada, bordoadas e formaturas da municipal a que deram origem as ordens do administrador.

Na tourada o publico saltou para a praça e os curiosos levaram panchada rija. Foi uma tarde divertida e de muita nodoa negra pelos corpos. Mas ha quem goste.

O tempo poz-se outra vez a fazer caretas, e é pena. Apesar d'isso, o comboio que partiu para Sevilha já cheio de passageiros que foram assistir á feira.

Estamos a vel-os:—«Viva la gracia!»

E ainda não ha duas semanas... Como os tempos mudam em pouco tempo!

O desacórdo entre os typographos e empresas jornalisticas, motivou a suspensão de todos os jornaes de Lisboa; outras noticias haverá e muito importantes, mas só hoje á noite as saberemos... pelos jornaes do Porto.

João da Camara.

BAIXELLA MANUELINA

No empenho de apresentar n'esta revista todos os assumptos d'arte de mais flagrante actualidade, offerecemos hoje á apreciação dos nossos leitores, as principaes peças da notavel baixella manuelina, primor indiscutivel da nossa arte contemporanea, e onde o talento dos cinzeladores e lavrantes nacionaes, se manifesta em exuberantes provas, dando-nos um testemunho incontestavel de que a ourivesaria portugueza não perdeu suas gloriosas tradições.



ANTONIO ALVES DOS REIS

Todo o trabalho artistico, executado sob os desenhos do lapis genial de Raphael Bordallo Pinheiro, foi feito nas officinas dos srs. Reis & Filhos, do Porto, joalheiros de Suas Magestades, e que mais uma vez honram o seu estabelecimento com produções de subido merito artistico.



SERAPHIM REIS

A baixella foi executada sob a habil direcção do sr. Guilherme Soares, um tecnico de subido valor, pelos vastos conhecimentos que tem d'essa arte, que immortalizou Benevenuto, e que entre nós teve a par de um Gil Vicente tantos outros notaveis artistas, de que se podem ir buscar provas ás obras de prata e ouro, disseminadas pela Collegiada de Guimarães, pelas Sés de Arouca, de Braga, de Coimbra, não falando nas Custodias de Belem e de Vizeu, etc.

A baixella foi encomendada pelo sr. Visconde de S. João da Pesqueira, que demonstrou quanto aprecia os artistas nacionaes, e até quiz, que a estrutura e estylo d'esse trabalho fossem caracteristicamente portuguezes, synthetizando uma das épocas mais florescentes da nossa historia.

Raphael Bordallo Pinheiro, desenhou os modelos, indo buscar aos Jeronymos, os motivos de-



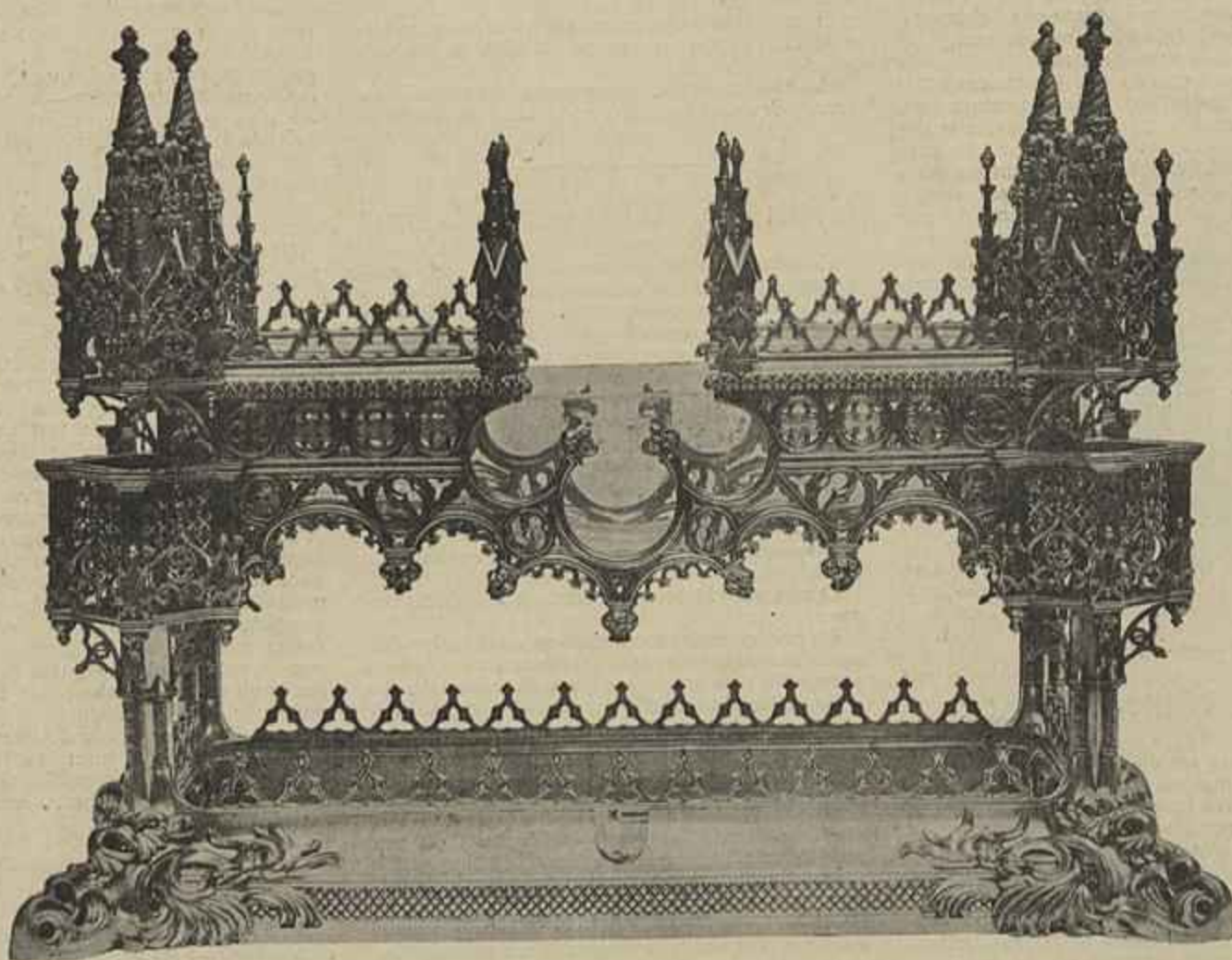
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
Auctor dos desenhos da baixella



GUILHERME SOARES
Que dirigiu a execução da baixella

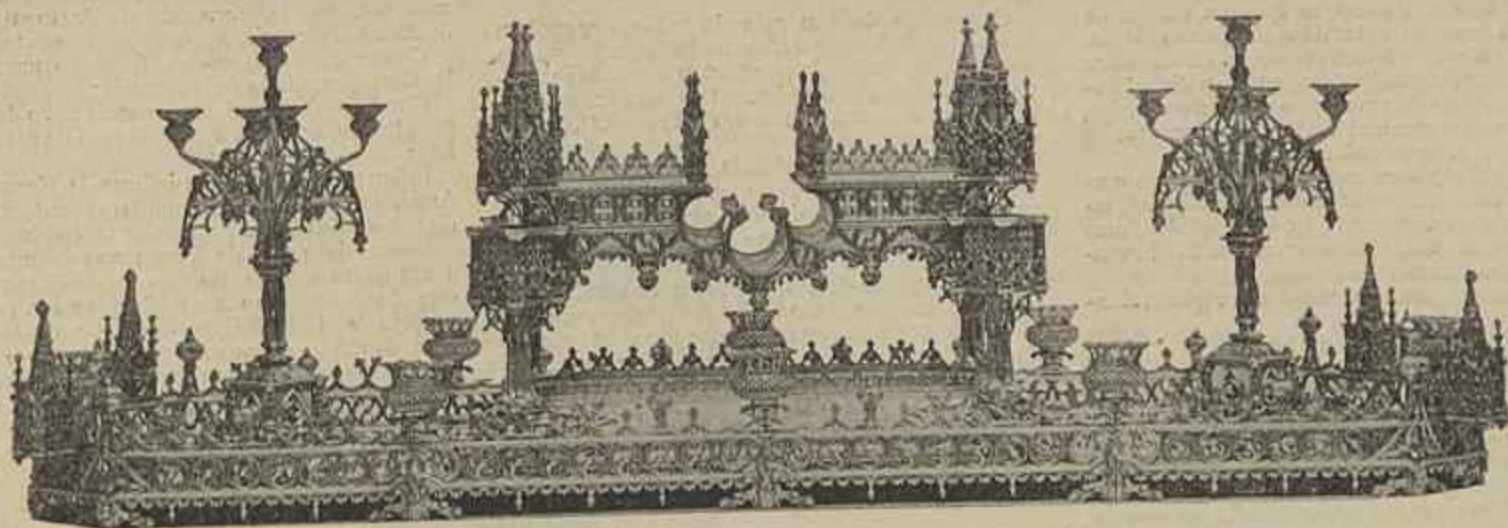


FLOREIRA
PESO 7:523 GRAMMAS



CENTRO DE MESA
COMPRIMENTO 0,70, ALTURA 0,52, PESO 19:102 GRAMMAS

BAIXELLA MANUELINA, PERTENCENTE AO SR. VISCONDE DE S. JOÃO DA PESQUEIRA, EXECUTADA



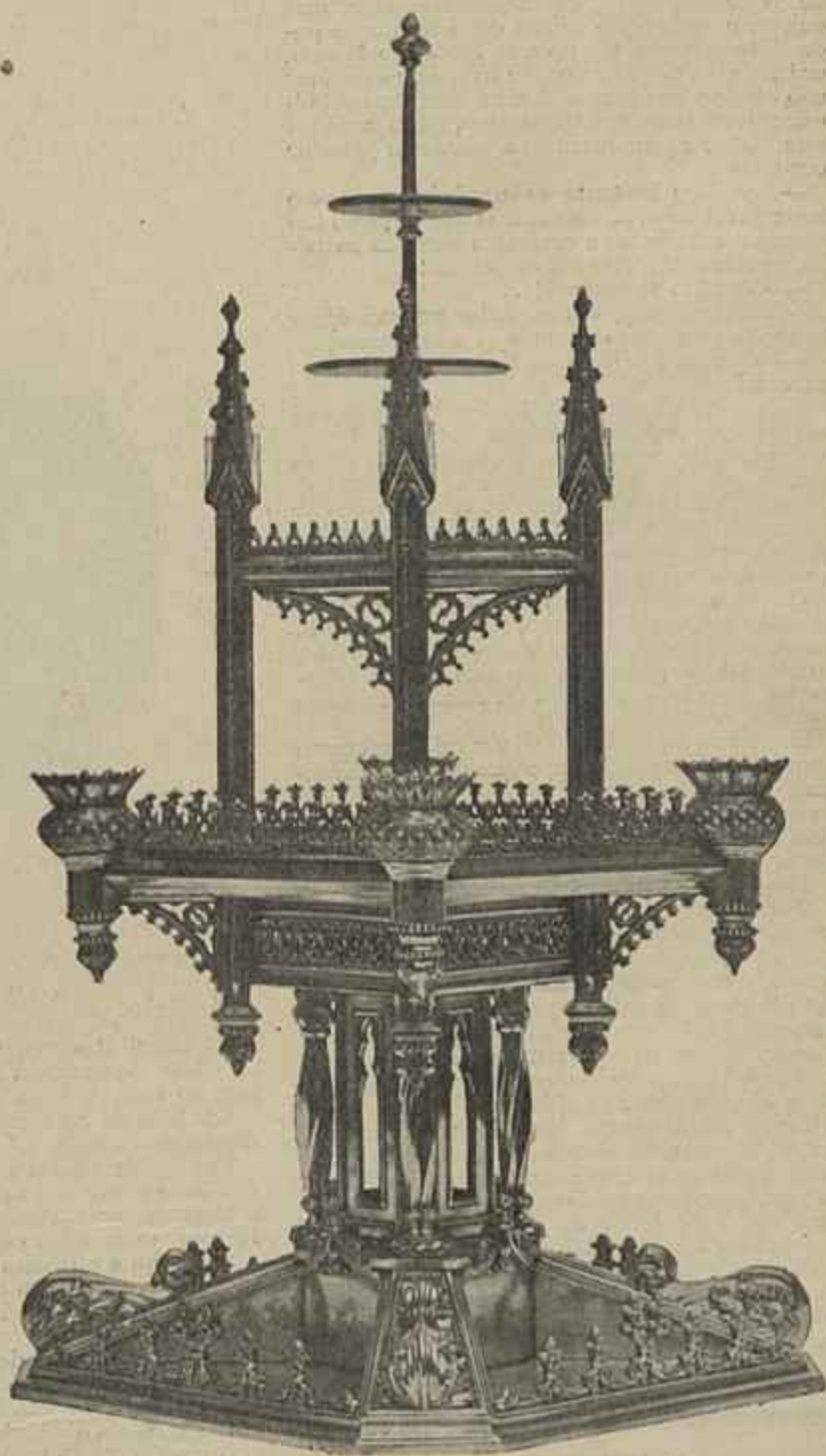
GRANDE «PLATEAU», CENTRO E SERPENTINAS

COMPRIMENTO 1,=70. PESO 45.726 GRAMMAS



SERPENTINA

ALTURA 0,50. PESO 5.987 GRAMMAS



FRUCTEIRA

ALTURA 0,=66. PESO 39.410 GRAMMAS

NAS OFFICINAS DOS SRS. REIS & FILHOS, DO PORTO, JOALHEIROS DE SUAS MageSTADES

nhcedo dirigiu-me a palavra; ao cabo de um quarto d'hora, davamos á lingua, como amigos de muitos annos. Sube que chegara da India e que vinha a Anvers tractar da venda para o Jardim Zoologico, de uma curiosa collecção de animaes: pantheras, tigres, gazellas, serpentes, o diabol! Perante esta conversa, trava-se o seguinte dialogo, encetado por esta minha eloquente pergunta:

—O senhor traz os animaes consigo?

—Sim senhor! Olhe: as gazellas, os tigres e as pantheras, estão nas suas jaulas, lá em baixo, na estrebaria; e as serpentes no meu quarto, mas oh! bastante amaveis. Conservam-se muito embrulhadas, mettidas n'uma caixa.

Senti calafrios percorrerem-me a espinha dorsal.

—E tenciona dormir n'este hotel?

—Com toda a certeza!

—E se as serpentes se lhe escapam?

—Qual historia! Dormem.

—De olhos abertos?

—Como todos os ophidios! O que, porém, lhe afianço, sob minha palavra d'honra, é que são menos terríveis do que se suppõe. Conheci uma pequena indiana que dormiu uma noite inteira, com uma cobra *capello* sob a almofada!

—Interessante narrativa!

—De nada desconfiaria, se não fossem uns quasi imperceptiveis movimentos que senti na almofada. De manhã, ao examinar a cama, é que vi uma enorme cobra que a olhava muito em ar de reconhecimento, de cabeça levantada, mas quieta; o mais lindo animal que imaginar se pôde. Tenho varios exemplares, que estão ás suas ordens: cerastas, crotalos. Se os quizer examinar não perde o seu tempo. A uma falta-lhe um pulmão; outra nada sem barbatanas, outra caminha sem patas, e tem duzentos e cincoenta pares de costellas.

—Agradeço bastante as suas informações e o seu amavel convite, mas cobras que têm só um pulmão, e duzentos e cincoenta pares de costellas, nenhum interesse me despertam!

—O quê?... tem medo?...

—Tenho algum, tenho. Acho até um crime trazer-se para aqui serpentes... e se fogem?!

—Pois sim, isso é muito bom de dizer, mas a sciencia?

—Ora, se são precisas a sciencia, ella que vá aos paizes d'onde são oriundas, estudá-las!

Contra minha vontade, a conversação seguia sempre com o mesmo assumpto, e, foi n'essa noite que fiquei sabendo que as cobras, antes de engulirem algum animal, o lambem, parecendo que o engolem mais depressa! Quando terminou a sessão, senti-me gelado.

O meu quarto era o ultimo e ficava ao fim do corredor. Apressado e receoso de algum máu encontro, fui para lá, com a cabeça cheia de lóas, e despi-me com lentidão, não sem que primeiramente levantasse a roupa da cama e revistasse todos os trastes.

Emquanto me lavava, ouvi um ruido no quarto contiguo, ao mesmo tempo que uma voz me dizia:

—Boas noites, senhor, durma bem, mas tam bem como eu conto dormir, visto não conhecer cama, vae para oito dias!

Era o homem das cobras de capello!

Quasi que tive ganas de me vestir outra vez e ir pedir para me arranjarem outro compartimento mas o temor de me metter n'uma cama feita á pressa, o meu natural amor-proprio de não querer dar parte de fraco a pessoa alguma, sustiveram-me. Era absurdo e picaresco; as cobras a dormir, decerto não furavam a parede ou desciam a chaminé para dormir commigo. Fazendo-me forte apaguei a vela e deitei-me.

Estive algum tempo, sem dormir, dando mil voltas, nervoso, dessocegado e, a muito pezar meu, atemorizado com a visinhança. Pela frincha da porta que communicava os dous quartos passava luz, e eu temia de momento a momento que essa luz se extinguisse. A vela apaga-se — pensava eu — o meu companheiro pega no somno e não pode tomar conta nas suas bichas. A luz desapareceu e tudo quedou n'um silencio que me intimidava.

(Continúa)

Henrique Marques Junior.

NECROLOGIA

D. IZABEL DE BOURBON

Ao fechar o ataúde sobre os restos mortaes d'esta princeza, não é opportuno fazer-se qual-quer apreciação dos seus actos como rainha. Ha

muito foram julgados pela opinião publica da nação vizinha.

O periodo do seu reinado todos o recordam ainda, foi dos mais accidentados para a politica hespanhola, findando por tornar a rainha incompativel com a nação e levando-a essa incompatibilidade a abdicar a corôa em Affonso XII, pae do actual monarcha.

Separada de seu marido D. Francisco de Assis, que falleceu ha já dois annos em Espinay, a ex-rainha fixara a sua residencia em França, habitando em Paris um palacio que comprara na Avenida Kleber, conhecido pelo palacio de *Castella*.

Foi ahí que exalou o ultimo suspiro na manhã de 9 do corrente, tendo á cabeceira a velarem-n'a nos supremos instantes suas filhas as infantas D. Eulalia, D. Isabel, D. Paz e o principe da Baviera, casado com esta ultima.

Principe Leopoldo de Saxe Coburgo Gotta, irmão d'El-Rei D. Fernando de Portugal e primo da Rainha Victoria, apoiado pela Inglaterra;

Conde de Montemolin, filho do pretendente D. Carlos, apoiado pela Austria;

Conde de Trapani, irmão mais novo da Rainha D. Maria Christina, e filho do rei das Duas Sicilias;

Infante D. Henrique e infante D. Francisco de Assis, duque de Cadiz, candidatos protegidos pelo duque de Sevilha e primos de D. Isabel.

Depois da queda de Espartero foi muito fallada a candidatura d'um filho do rei de França, o duque de Aumale ou o de Montpensier, porém, o proprio D. Luiz Filippe se oppoz a estes projectos, dando ao embaixador de França, em Madrid, conde de Bressou, instrucções n'esse sentido.

Dizia-se que a Rainha D. Isabel, cuja vontade



D. IZABEL DE BOURBON

D. Isabel II completava em outubro 74 annos de idade. Nascera em Madrid no dia 10 de igual mez do anno de 1830.

Era filha do rei Fernando VII e de sua quarta desposada D. Maria Christina.

Por morte do rei Fernando, D. Isabel succedeu-lhe no throno a 29 de setembro de 1833, sob a regencia de sua mãe, que começou por dar á Hespanha uma nova constituição.

Succedeu a este acto uma guerra civil que durou 7 annos e que só terminou quando a rainha D. Maria Christina abdicou a regencia no general Espartero.

Em 1843 as côrtes decretaram a maioridade de D. Isabel II, que então contava 13 annos, e, voltando á Hespanha D. Maria Christina, aproveitando a queda de Espartero, logo um dos seus primeiros actos foi instigar a dictadura militar de Narvaez de que resultou a derrota dos liberaes na legislatura de 1844 e outras medidas reaccionarias que, provocando os protestos do povo, foram a causa de se decretar o estado de sitio.

Pensando-se em casar a rainha que desde que completara os 11 annos estava sendo uma preocupação para a Europa, eram dentro em pouco conhecidos os seguintes pretendentes:

não era consultada n'este assumpto em que tão altas influencias se debatiam, sentia mais inclinação por seu primo D. Henrique do que por D. Francisco, porém o character violento d'aquelle e as suas relações com os partidos avançados tornaram-no preterido pelos directores da politica, sendo o noivo preferido por D. Maria Christina, D. Francisco d'Assis.

Em 26 de novembro de 1844, o embaixador de França, que tinha recebido instrucções de Mr. Guizot iniciou com o governo hespanhol as negociações para serem levados a effeito os casamentos da Rainha D. Isabel com seu primo o Infante D. Francisco e o da Infanta D. Luiza Fernanda com o duque de Montpensier.

D. Isabel casou no dia 10 de outubro de 1844, com 16 annos completos, sendo as bodas de sua irmã Maria Fernanda realisadas no mesmo dia com o filho do rei Luiz Filippe.

O partido liberal teve com estes casamentos algumas esperanças de poder preponderar na administração publica e a propria soberana se lhe mostrou afeiçoada chamando para o ministerio Salamanca e Serrano, porém, pouco tempo depois, Narvaez recuperava a sua influencia e poder.

Em dezembro de 1852 deu-se o attentado do cura Martinho Marino, na occasião em que a Rainha se dispunha a fazer as suas orações na igreja de Nossa Senhora de Atocha.

Este attentado afiou ainda mais as armas contra os liberaes.

Dissolvidas as côrtes, exerceram-se represalias sem conto, chegando-se a fazer approvar no parlamento um projecto de revisão da Constituição pelo qual era reduzido o numero dos deputados, e cerceados todos os direitos e liberdades.

Em julho de 1854 colligam-se os partidos modernos com os liberaes n'uma alliança offensiva, rebentando então a sedição militar na qual tinham logar primacial O'Donnell, Serrano, Messine e outros nomes illustres.

Sobrevem a queda do ministerio sendo chamado a formar novo gabinete o duque de Rivas, mas este apenas consegue occupar dois dias o poder, sendo a rainha D. Maria Christina obrigada a fugir para Paris.

E' chamado então a toda a pressa o general Espartero que organisou um ministerio liberal.

D. Isabel proclamou então uma amnistia geral; é reaberto o parlamento e approvada a lei que decreta a venda dos bens do clero.

Com os tumultos da Andaluzia dá-se a scisão de O'Donnell e Espartero e a attitudie rasgada de liberal do notavel general aliena-lhe a confiança da corôa obrigando-o a pedir a demissão.

As dissensões politicas e as revoltas militares succedem-se então em Hespanha e a jornada de 22 de julho de 1866 e os barbaros fuzilamentos que se lhe seguiram, são o caminho para a revolução de 1868.

N'esse anno a Rainha Isabel passara como de costume a primeira parte do verão na Granja, e no dia 9 de Agosto sahiu com toda a sua familia para ir ao Escorial, onde tomou comboyo para as provincias do Norte, visto os medicos lhe terem prescripto os banhos de Lequeitio.

Formavam a comitiva dos monarchas o duque de Montezuma, mordomo-mor; o marquez de Villamagna; o marquez de Santiago, commandante de alabardeiros; a marqueza de Novaliches, camareira-mor; o padre Claret, confessor de S. M.; os ministros D. Severo Catalina, Coronado y Belda, e o presidente do conselho, González Brabo. Do Escorial foram a San Sebastian e d'aqui a Lequeitio. Ali se achava a côrte quando chegaram as primeiras noticias da revolução.

Em 25 de Setembro dispunha-se a regressar a côrte a Madrid, sendo já presidente do conselho D. José de la Concha. Quando a Rainha se dirigia do palacio para a estação chegou um emissario que agitava dois telegrammas.

Eram dirigidos ao ministro interino de Estado, Ronchli, e ao capitão general das Vascogadas, communicando-lhes que a linha ferrea estava cortada em Burgos.

Deu-se d'isso conhecimento á Rainha, porem ella subiu resolutamente para a carruagem já atrelada á machina preparando-se para seguir viagem, apezar d'aquelle contratempo.

— A Madrid! Quero ir a Madrid a todo o transe. Ronchli, como ministro da corôa oppoz-se terminantemente, dizendo que o governo não podia aceitar a responsabilidade d'aquella viagem.

Do mesmo parecer foram os que rodeavam D. Isabel, não tendo a rainha outra resolução a tomar senão a de voltar para Lequeitio.

Confirmado o triumpho de Alcolea, foi resolvida a viagem da familia Real a França, e a 29 de Setembro sahiu de San Sebastian, fazendo-lhe as ultimas honras uma companhia de engenheiros.

Em Biarritz foram saudal-a Napoleão III e a Imperatriz Eugenia, e no Castello de Henrique IV, em Pau, passou D. Isabel a primeira noite do seu desterro.

Foi ali que assignou a acta de protesto do seu desthronamento, e a 25 de junho de 1870 abdicou, em Paris, a corôa, em favor do seu filho D. Afonso XII, terminando com esse acto a vida official de D. Isabel n'como rainha.

HENRIQUE GREGORIO MAIA

Era um antigo e probo empregado da Misericórdia de Lisboa.

Entrara para aquelle estabelecimento em 1835 como empregado da contadoria, e, pelos seus meritos e honestidade de caracter ascendera em 1863 ao logar de official-maior, cargo que exerceu até á data da sua morte, em 12 de Março findo.

Em todos os seus actos publicos, como nos particulares, Gregorio Maia primou sempre por uma grande correccão de proceder, demonstrando quanto releva os interesses d'aquelle estabelecimento de caridade, que serviu durante 69 annos,



HENRIQUE GREGORIO MAIA

aquelle beneficio da caridade em favor da sua sequidão de affectos por aquelles a quem haviam dado o ser.

No exercicio do seu mister, e fóra d'elle, Gregorio Maia teve muitas occasiões de manifestar o seu grande amor pela humanidade e o seu genio valedor e caritativo.

Quem conhecesse o sen viver intimo teria occasião de avaliar essa bondade extrema que algumas vezes o levou a proteger do seu bolso muitas miserias, accudindo sempre ao auxilio dos que recorriam á sua valiosissima protecção.

Poderia morrer rico, porem o seu coração sensível e bondoso não lh'o permittiu, e bem ao contrario, privou-se muitas vezes do necessario para acudir aos desvalidos da sorte.

Gregorio Maia nasceu em 28 de novembro de 1818, contando 85 annos á data da sua morte.

Por diferentes vezes lhe foi offercido a carta de conselho, porem a sua proverbial modestia levou-o a recusar sempre essa distincção.

Possuia entretanto as commendas de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.



CONSELHEIRO TAIBNER DE MORAES

Na sua casa, na Marinha Grande, falleceu no dia 1. do corrente o conselheiro Taibner de Moraes.

Nasceu a 10 de agosto de 1840 na villa da Marinha Grande e era filho do commendador Francisco Taibner de Moraes e de D. Maria da Encarnação Taibner de Moraes.

Tendo completado a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra, foi, em 1863, nomeado administrador do concelho de Villa Viçosa indo pouco depois para Portalegre no exercicio de igual cargo.

Em 1865 foi nomeado secretario geral do governador civil de Angra do Heroismo, logar que tambem exerceu na Guarda e no Porto, onde, em 1890 foi nomeado governador civil, servindo este e outros cargos officiaes para que o nomearam, sempre com o maior zelo e distincção.

Era muito versado em direito administrativo, tendo feito um codigo a pedido do sr. conselheiro José Luciano de Castro e collaborado em todos os codigos administrativos publicados no seu tempo.

Pedindo a sua exoneração de governador civil do Porto, foi nomeado conselheiro director geral das contribuições directas, logar em que foi aposentado ha annos por doença.

O conselheiro Taibner de Moraes soffria d'uma artereo esclorose, insufficiencia renal e do fígado, tendo ainda ha pouco tempo ido a Berlim consultar um especialista d'essas doenças, sendo

sendo 37 como chefe das repartições da Santa Casa.

Foi a este funcionario que se deve a eliminacão da roda, escoadouro por onde passavam tantas victimas de amores não legitimados, mas por onde de mistura riam os engeitados que tendo familia constituída e paes muitas vezes com fortuna e socialmente collocados, aproveitavam

ahi operado e voltando a Portugal com allivios tão pronunciados, que parecia completamente curado dos seus males.

Infelizmente as melhoras eram apenas passageiras, porque, desde fevereiro, a doença aggrava-se-lhe por tal fórma, que logo todos viram ser impossivel poder-se resistir a um soffrimento tão violento e cruel.

Era condecorado com a Torre e Espada e occupava á data da sua morte o cargo de vogal extraordinario do tribunal administrativo.

LUIZA MICHEL

Falleceu em Toulon, em 23 de Março findo, victimada por uma congestão pulmonar esta dedicada apostola do revolucionarismo.

Contrahira a doença que a victimou n'uma tournée de conferencias pelo sul da França.

Nascera em 1830, e, com 74 annos de idade, não fraquejara ainda o seu espirito nem o seu verbo eloquente, comquanto ha muito a sua saude estivesse arruinada.

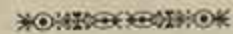
Tendo percorrido ha tempo toda a região do oeste da França fazendo a propaganda dos principios revolucionarios, affrontara as maiores fadigas, sem que obstaculo algum a intibiasse, tendo em Lorient realisado uma conferencia no meio de um campo por lhe haverem recusado todas as salas da cidade.

A sua vida bastante accidentada não lhe havia endurecido a alma. Tinha um coração propenso ao bem; valendo aos pobres quando tinha com que os soccorrer, e até despojando-se do strictamente necessario quando era preciso valer a alguma desgraça.

Em 1871, por ter tomado parte na insurreição da Communa, foi deportada para a Nova Caledonia; voltando á França por lhe ser extensiva a amnistia de 1880 foi, tres annos depois, condemnada pelo tribunal do Sena a 6 annos de reclusão, pelo crime de pilhagem á frente de um bando armado que assaltou as padarias para lhes roubar o pão.

Henrique Rochefort era um dos amigos mais dedicados de Luiza Michel a quem cognominavam a «Virgem vermelha».

Ultimamente havia estabelecido a sua residencia em Inglaterra, mas sempre que era preciso ella ahí estava em França organisando com os seus camaradas alguma campanha de propaganda e prompta a affrontar todos os perigos e trabalhos em defeza do seu ideal politico.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historias da Carochinha.—Colligidas por Henrique Marques Junior. Mais um volume da elegante bibliotheca das creanças acaba de ser publicado pelo persistente e laborioso collaborador d'O OCCIDENTE, sr. Henrique Marques Junior, espirito juvenil dotado do mais fino gosto para a selecção e nacionalização dos magnificos contos de Perrault e dos Irmãos Grimm. Ao primeiro, segundo e terceiro livros de *Contos de fadas*, impressos nos ultimos annos, seguiu-se este voluminho, que é o IV da collecção, e ao qual o seu intelligente coordenador deu o titulo tão suggestivo de *Historias da Carochinha*, que nos adultos vae despertar as risonhas saudades dos tempos infantis, das narrativas ingenuas feitas aos serões por velhas creadas da casa, ou pacientemente recitadas por alguma avózinha ou tia valedudinaria, cuja memoria, fixada nos pequeninos cerebros dos ouvintes, de envolta com a dos singelos contos por ellas tanta vez narrados, se conserva ainda presente e inolvidavel. Como nos diz o sr. Theophilo Braga, nas breves linhas com que faz a apresentação d'este livrinho, é n'este espirito de continuidade das tradições novellisticas, cuja origem e filiação directa provém das mais remotas edades da historia humana, que a creança pode receber a educação efficaz, pelo sentimento de solidariedade que assim as vae prender ás gerações passadas, por essa teia fragil, mas seductora e poetica, da lenda popular, da novella ingenua e simples, captivante dos espiritos dos pequeninos auditores, sempre ávidos de maravilhosas scenas, de peripecias inesperadas, alegres, movimentadas, no fundo das quaes transluz uma lição de moral, um preceito de justiça, um clarão de bondade, que illuminam as creanças na senda do Bem.

A *Historia da Carochinha* tão nacional e caracteristica recebeu aqui, n'este livrinho, uma lição nova; os adoraveis contos infantis d'aquellas

bondosas almas, que se chamaram os irmãos Grimm, onde como no immortal fabulario de La Fontaine, veem á scena falante os gatos, as raposas, os burros, os lobos, os cabritinhos, etc., toda essa fauna querida das creanças, constituem uma interessante serie de onze novellas com as quaes se deliciarão os nossos filhos, todos attentos, enlevados na audição das incomparaveis bellezas da poesia simples, ingenua, primitiva, d'estas narrações captivantes.

Escusado será, julgo eu, encarecer o valor d'estes livrinhos e accentuar o inestimavel serviço que o sr. Henrique Marques Junior, com a sua perseverante e louvavel laboriosidade, está prestando ás creanças e aos pais.

Modesto e simples operario das lettras, o auctor d'estas versões, ganhará sympathico renome, proclamado por uma geração inteira de infantes, que d'elle recebem a sua primeira e mais inolvidavel leitura.

Conjunctamente, vai o sr. Marques Junior incutindo nos espiritos das creanças o gosto pelo livro, esse fiel amigo que dá ao homem o ensino, o deleite, o descanso, que lhe amenisa as agruras da vida, que o acompanha á cabeceira do leito, que é emfim o symbolo mais puro e completo da *Civilização*.

Victor Ribeiro

Crença e ideal politico, por D. Francisco de Mello e Noronha — Lisboa, 1903. Com dedicatória ao sr. Miguel d'Arriaga publicou o nosso querido amigo e collaborador sr. D. Francisco de Noronha um folheto de 40 paginas em que coordenou alguns dos seus artigos, devéras dignos de vêrem a luz da publicidade pelas brilhantes doutrinas que advogam e pelos principios que defendem.

Nosso collaborador assiduo, o sr. D. Francisco de Noronha tem nas columnas d'esta revista trabalhos que falam sobejamente dos seus merecimentos litterarios

O nome do illustre publicista encontra-se tambem pela imprensa de Lisboa e da provincia em muitos artigos sobre variados assumptos, mostrando assim que elle é um trabalhador probo, honesto e infatigavel.

A sua offerta amabilissima estamos sinceramente gratos.

O Grande Elias, recebemos o numero correspondente a 31 de março findo, o qual publica o retrato da actriz Maria Falcão com artigo assignado por Hogan Teves.

Temos recebido tambem com toda a regularidade: *A Semana, Brazil Portugal, Illustração Portuguesa, Tiro e Sport, O Gafanhoto, etc.*



LUIZA MICHEL

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes
DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO
Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins
CONSULTAS: Senhoras — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 3 da tarde
LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL
LINGUAS VIVAS

Lisboa	Porto	Coimbra
Rua do Alecrim	Largo dos Loyos	Vianna
20 A.	14	Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

VIERLING & C. L.^{DA}

CAMBIO

Papeis de credito e Loterias

44, RUA DO ARSENAL, 46
1, Esquina do Paloutinho, 3
LISBOA

Telephone 611

Endereço telegraphico:

STERLING-LISBOA

SELLOS

Compram-se sellos antigos e modernos, novos e usados de todas as nações, pagam-se sempre por muito maior preço que outra qualquer casa. Vende-se em pacotes toios diferentes.

50 colonias estrangeiras....	250
100	700
150	13400
200	23000
300	43200
400	83500
500	193000
100 estrangeiros diferentes...	300
300	500
500	13500
13000	43300
13200	73000
13500	103000

Vendem-se albuns, catalogos e sellos desde 50 a 100 réis o franco, fazem-se remessas á escolha, mediante abonações ou deposito.

Barbosa & Esteves

58 — Rua de Santo Antão — 60

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 414, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



PINHEIRO MARTINS

Joalheiro da Família Real Portugueza

Rua Aurea, 279 — LISBOA

Joalheria montada em platina e ouro com Perolas, Brilhantes, Rubis, Esmeraldas, Saphiras, Opalas, etc.
Binoculos esmaltados Imperio, fello de completa novidade.
Ultimas novidades em fantasias para brindes.

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 71, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA

SERTORIO A. S. CORTE REAL

SOLICITADOR ENCARTADO

LISBOA — Rua dos Retrozeiros, 149, 2.º